

EDIÇÃO 11 | ANO 5
DEZEMBRO DE 2018
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



R E V I S T A

Vertentes Cultural



**O AGRONEGÓCIO
TAMBÉM É DELAS**

Mulheres dizem 'sim' a empreendimentos rurais e protagonizam mudanças importantes no mercado - que também tem atraído mentes brilhantes cada vez mais jovens

COISAS QUE NENHUM MINEIRO TE CONTOU

Luana Simonini – obviousmag.org

Ser mineiro é comer quieto o fim das palavras. Mineiro que é mineiro tem fome de sílaba e deve ser por isso que guarda dentro do peito poemas inteiros. Entre tantas letras embaralhadas, o vagão das ideias se perde e a coisa vira trem, ou o trem vira coisa.

É, o trem tá feio.

Ser mineiro é escutar no silêncio uma prosa bonita e musicar em sotaque frases curtas. O mineiro não fala, ele canta com um sorriso tímido no canto da boca.

Nem todo mineiro é tímido, mas todo mineiro carrega o charme da timidez. Das bochechas coradas, do sorriso amarelo que ganha novas cores num piscar de olhos abertos, bem abertos.

Mineiro parece não gostar de elogio, mas gosta, pode apostar. Sempre retruca, mas cá dentro tá todo feliz.

São seus olhos. Ele diz.

Mineiro se esconde em suas montanhas, mas desmorona em abraço aper-

tado. Chora água doce e se derrama em cachoeira.

Ser mineiro é fazer da cozinha a melhor parte da casa. Receber os amigos com mesa farta. Mineiro tem mesmo fome seja de letra ou de amor.

O mineiro não se apaixona “pelas” pessoas e, sim, “com” as pessoas. Ser mineiro é sentir as coisas sem dar nome. É se confundir entre dois ou três beijinhos quando conhece alguém.

São três pra casar.

Ser mineiro é passar a noite inteira em um ônibus e ainda não sair de Minas. As montanhas parecem continentes, mas fazem tudo parecer pertim.

É logo ali.

Nunca confie em um “ali” de mineiro. De resto, pode confiar. Seja nas reticências que ele não diz ou nos versos dos seus poemas inteiros.

Ser mineiro é saber que as melhores coisas da vida não são coisas.

Editorial

MARIANE FONSECA

Sorrisos de dever cumprido, discursos, apresentações de negócios, recomenços, confraternização. Em agosto de 2018, o ritual de encerramento do Gestão com Qualidade no Campo (GQC) em Barbacena seguia parecido aos demais. Havia, no entanto, um detalhe diferenciador: pela primeira vez em quase uma década, a turma de formandos no programa foi composta de forma igualitária – metade por homens e metade por mulheres. Houve, ainda, um fenômeno de envolvimento jovem, com filhos se juntando aos pais na jornada de aprendizado.

Cenário que representa bem tudo o que busca o cooperativismo: empoderar para progredir. O mote é relativamente comum hoje, com o entendimento latente de que fortalecendo os indivíduos erguem-se comunidades.

No século XIX, no entanto, a perspectiva não era essa. Unir um grupo de operários, organizar uma estrutura associativista, comprar mercadorias coletivamente e estoca-las num galpão alugado em grupo era algo ousado. Mas fez história, formando as bases filosóficas e estratégicas daquilo que norteia o Sicoob Credivertentes hoje.

Tanto no cotidiano de suas agências quanto na extensão de suas atividades sociais, o empoderamento se manifesta promovendo bem-estar coletivo, incentivando a cultura e a memória, impulsionando o empreendedorismo. O GQC se encaixa justamente aí. E é testemunha do engajamento feminino na agricultura, na busca por aprendizado, na reestruturação de negócios, na solidez de projetos mercadológicos, no equilíbrio e protagonismo que trazem na mesma bagagem o encantamento e o comprometimento jovem, diminuindo o êxodo de talentos das áreas rurais.

A terra, até bem pouco tempo muito associada à subsistência, agora é solo fértil para uma variedade cada vez maior de potencialidades e investimentos. Que o digam as gêmeas Alane e Aline, em Barbacena. Que o digam outras milhares de mulheres fazendo a diferença em todo o Campo das Vertentes.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

Filiada ao S.C.CREDIMINAS – Cooperativa Central de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG – Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira – Presidente
Paulo Melo – Vice Presidente
Alexandre Nunes Machado Chaves;
Antonio Vicente de Andrade;
Fabiana A. F. Diéle Barros de Oliveira;
Hélder José Daher Chaves;
Lígia Honorina de Andrade Moreira;
Mauro Caporali Vivas;
Yuri Carvalho Gomes.

DIRETORIA EXECUTIVA

Flávia Alves Coelho – Diretora Executiva Administrativa
Luiz Henrique Garcia – Diretor Executivo Financeiro
Hélder Resende – Diretor Executivo de Gestão de Risco

CONSELHO FISCAL

Conselheiro efetivos: Cristiano Almeida, Marlon Castro e Luis Cláudio dos Reis.
Conselheiros suplentes: Henrique Santos Godinho

REVISTA VERTENTES CULTURAL

Revista semestral do SICOOB Credivertentes – Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.
Endereço: Rua Carlos Pereira, 100 Centro - 36350-000 - São Tiago - MG
Telefax: (32) 3376-1386
E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

CIRCULAÇÃO

São Tiago, Alfredo Vasconcelos, Belo Horizonte, Barbacena, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Itutinga, Madre de Deus de Minas, Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro, Nazareno, Piedade do Rio grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, São João del-Rei e Senhora dos Remédios.

APOIO OPERACIONAL

Elisa Cibele Coelho

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mariane Fonseca - MTB 15.883/MG
Tiragem: 5000 exemplares

FOTOS

Deividson Costa

DIAGRAMAÇÃO

Mapa de Minas Comunicação Integrada – As matérias veiculadas na Revista Vertentes Cultural do SICOOB Credivertentes podem ser reproduzidas, desde que citadas as fontes.

REVISTA
**Vertentes
Cultural**



ÍNDICE

A força da Energia
Fotovoltaica

NEGÓCIOS
Pág. 06



O doce sabor
de DOM

GASTRONOMIA
Pág. 16



ENTREVISTA

Fabiana A. F. Diéle
Barros de Oliveira

Pág. 25



PRIMEIRO PLANO
Pág. 12

Robótica: de São
Tiago para o mundo



MEMÓRIA
Pág. 20

João da Matta:
música e mistérios



VERTENTES
Pág. 28

ALA: correndo por
amor e inclusão



Elas cresceram
no Agronegócio

Pág. 33

ECONOMIA



Nas lentes
do Sr.Rui

Pág. 44

VIDA



SOCIAL

Pág. 40

Valentina e seus fios
de esperança



FAÇA-SE A LUZ



Natural, renovável e econômica, energia solar transforma conceitos de abastecimento elétrico. No Campo das Vertentes, empresa referência nessa tecnologia dá uma verdadeira aula ao mercado sobre sustentabilidade e empreendedorismo

GRUPO ASCENÁRIO/DIVULGAÇÃO





Projetos do Grupo Ascenário na região. Placas captam luz solar em processo de conversão para energia econômica e sustentável

Quatro milhões de novos empregos gerados, injeção de R\$561,5 bilhões na economia brasileira. Milagre de algum novo plano político? Não. Resultado direto de incentivo ao uso de Energia Solar Fotovoltaica.

As estimativas são do Greenpeace lembrando ainda que, num cenário de estímulo ao setor, o Brasil chegaria a 2030 com 8,8 milhões de residências ou estabelecimentos comerciais gerando eletricidade própria. E mais: a energia resultante desse processo chegaria a 41,4 mil MWp, nada menos que o dobro esperado de hidrelétricas como a Belo Monte.

Utopia para uns, empreendedorismo para outros, como o Grupo Ascenário, em São João del-Rei, que viu seus clientes baterem R\$1 milhão em economia nas contas de luz só em 2017.

DESTINO

14 de junho de 2014. No Minei-

rão, uma das sedes brasileiras na Copa do Mundo, a sustentabilidade marcou um gol. COM placaS. Naquele dia, pela primeira vez na história, uma partida do torneio foi sediada utilizando Energia Solar Fotovoltaica.

Diego Barbosa estava entre as 57 mil pessoas na arquibancada. E não imaginava que em um ano começaria a desenvolver um empreendimento na área. Na realidade, seu destino começaria a mudar quatro meses mais tarde com a pior das notícias: a morte do pai, atropelado em uma rodovia de Ouro Preto.

“Foi a maior dor da minha vida. Até hoje é. Mais ainda porque, por irresponsabilidade e omissão de alguém, meu laço mais importante foi desfeito. Nessa hora eu tinha duas opções: ceder à revolta ou honrar o nome do melhor homem que eu conheci”, lembra Barbosa, que literalmente escolheu a segunda opção.

O pai, Ascenário Vieira Barbosa, era um pedreiro de 49 anos

que havia dedicado a vida, com trabalho duro, construindo imóveis e o caráter dos filhos. Pouco antes de falecer, viu a ascensão dos negócios envolvendo o aluguel de containers. Setor que, aliás, chegou a ser sondado pela família como investimento.

REVIRAVOLTAS

Não deu tempo. “Uma das características mais marcantes dele era viver o momento. Sabe? Estar atento ao mundo, às oportunidades, se arriscar. Foi justamente por isso que houve forças para nascer a Del Rei Solar em 2015. O coração e o emocional estavam destruídos, mas a inspiração continuava forte”, revela o idealizador e diretor da empresa que se converteu no Grupo Ascenário, primeiro especializado em Energia Fotovoltaica na região – algo que se soma, também, ao Aquecimento Solar.

A escolha do ramo de atuação, aliás, também tem história. Com a crise energética brasileira em

2014 e 2015, as opções renováveis voltaram a pipocar como pautas nacionais incentivadas, também, pela Resolução Normativa nº 482/2012, da Aneel. Com ela, o consumidor brasileiro recebeu a permissão para gerar o próprio contingente de energia elétrica e podendo, ainda, fornecer o excedente para a rede de distribuição da localidade em que está.

Na época, Diego Barbosa vivia uma encruzilhada: queria empreender e mudar de vida enquanto tentava destravar as obras no apartamento que havia comprado e encontrar, também, atendimento diferenciado nas empresas que ofereciam sistemas de Energia Solar.

FAZER DIFERENTE

Barbosa nasceu na histórica Mariana. Ainda criança, começou a trabalhar vendendo chup-chup e bisnaguinhas de mel. Já adolescente, aos 15 anos, conseguiu emprego como “faz-tudo” em

um condomínio. Curioso, comunicativo e disposto a crescer, se envolveu tanto com o complexo habitacional que foi promovido e passou a viajar pelas cidades próximas vendendo lotes. Não demorou para juntar as próprias

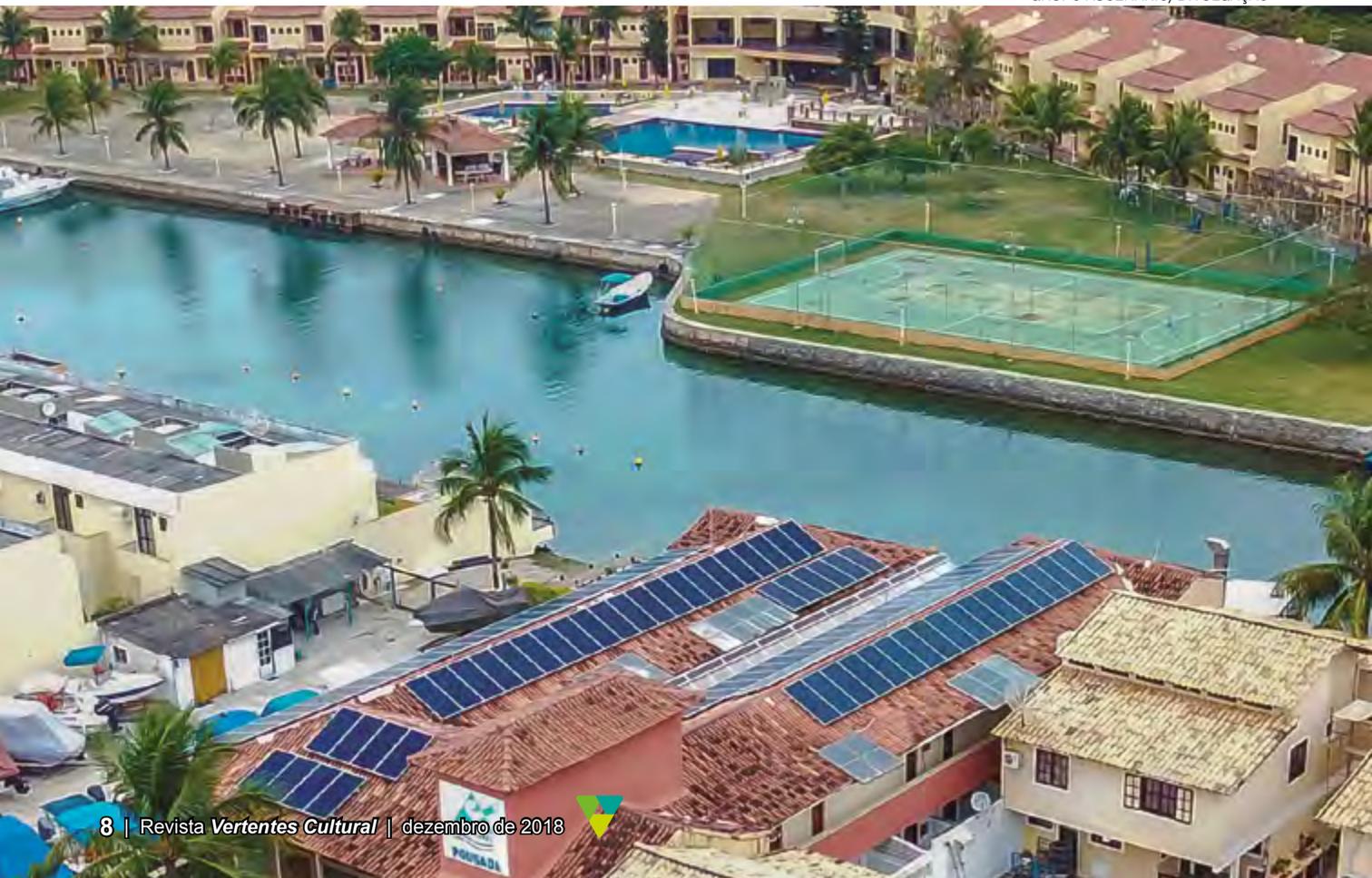
economias e adquirir um terreno para si, aos 16.

Aos 18, mudou de emprego e passou a atuar em uma grande mineradora que o levou ao Tocantins. Lá conheceu a futura esposa, Paola, com quem se casa-

GRUPO ASCENÁRIO/DIVULGAÇÃO



GRUPO ASCENÁRIO/DIVULGAÇÃO





NÚMEROS

Hoje, o Brasil tem os complexos hidrelétricos como maiores responsáveis pela geração de energia à população, seguidos por núcleos termelétricos (que têm o óleo combustível como base, por exemplo) e matrizes eólicas (que utilizam o vento). Só aí surge a Energia Solar Fotovoltaica, respondendo por 0,83% da matriz elétrica.

Uma porcentagem ainda tímida. Mas que não esconde um fenômeno: só no ano passado, as adesões a esses sistemas cresceram 350%.



VANTAGENS

Há muito tempo já se fala sobre Aquecimento Solar. Ou seja, em contar com água quente dentro de casa com uma ajudinha do Sol. Nos últimos anos, aliás, equipamentos desse tipo de sistema se tornaram ainda mais comuns – a ponto de o país ser o 3º maior utilizador dele no mundo.

Na última década, porém, outra opção veio à tona. A de Energia Solar Fotovoltaica. Na prática, o termo difícil quer dizer algo simples: captar a luz do Sol através de painéis especiais e convertê-la em eletricidade para consumo interno. Uma opção que beneficia o bolso e, além disso, o Meio Ambiente. Isso porque a economia nas contas de concessionárias como a Cemig, por exemplo, pode cair em até 90%. Enquanto isso, “se mais pessoas gerarem sua própria eletricidade, evitaremos que toneladas de gases de efeito estufa sejam despejadas na atmosfera”, alerta o Greenpeace.

ria em 2013 – dois anos após passar em um vestibular para Engenharia de Produção e se mudar para São João del-Rei.

Foi por causa da universidade, aliás, que Barbosa abriu mão de tudo. “Eu tinha que estagiar na área. Então mesmo já empregado saí de onde estava e fui recomeçar do zero. Havia, no entanto, o impasse da renda. Foi aí que minha esposa (que atuava como enfermeira) e eu fomos pras ruas em pleno Carnaval vender latinhas de cerveja”, lembra.

Com a estratégia de estudar os blocos, fazer controle rígido de caixa e investir em um banner alto e visível, se destacando na multidão, a dupla arrecadou R\$15 mil. Era a prova de que tinham tino forte para os negócios.

“Eu havia me mudado para uma casa popular enquanto tentava acelerar as obras no nosso apartamento. Então tive contato com o Aquecimento Solar, já que na época o *Minha Casa, Minha Vida* tinha esses sistemas como itens obrigatórios. Gostei do conforto que oferecia, da economia. E decidi que queria contar com essa tecnologia no nosso lar”, relata Barbosa. Veio, então, um impasse: o atendimento das empresas.

Foi aí que, depois de colecionar respostas vagas, decidiu pesquisar o mercado e dar os primeiros passos para o desenvolvimento do Grupo Ascenário, que funcionou como *home office* até maio de 2016 antes de migrar para um espaço amplo na Colônia do Marçal.

SONHOS

Na ponta do lápis, a empresa já acumula 500 clientes, contas de luz com economias de até 90% e saldo de 300 árvores poupadas por ano. Com isso, as metas de “bem-estar

GRUPO ASCENÁRIO/DIVULGAÇÃO



financeiro, ambiental e cotidiano” seguem cumpridas com sucesso.

Mas há outros planos. Em curto prazo, o Grupo Ascenário deve passar por reestruturação e segmentação da loja própria, otimizando a atuação da equipe técnica e de Engenharia em contato com os clientes que buscam não apenas Aquecimento Solar e geração de Energia Fotovoltaica, mas também consultorias especializadas.

Isso sem falar, claro, no sonho de se expandir em modelos de franquia e nanofranquia ao mesmo tempo em que implanta, também, uma cooperativa voltada à autossuficiência energética. “Acredito muito no poder da coletividade. As pessoas certas, dispostas e juntas, podem melhorar a qualidade de vida das famílias, impulsionar comunidades sustentáveis”, frisa Barbosa, determinado.



MAS AFINAL, COMO FUNCIONA?

Quem explica é o próprio Barbosa. Segundo ele, tudo acontece a partir dos painéis de energia, instalados estrategicamente de acordo com a necessidade de cada cliente. Por isso mesmo, o uso de Energia Solar Fotovoltaica requer estudos por parte da equipe da Ascenário e elaboração de um projeto completo.

Tudo para garantir que a luz seja recebida pelos módulos, convertida em eletricidade e consumida com segurança no imóvel. Tudo cuidadosamente calculado por um Medidor Bidimensional – que conta a energia que entra e sai dali.

Isso porque o sistema de Energia Solar Fotovoltaica é, na verdade, complementar ao da distribuidora tradicional, em uma relação de parceria que se manifesta na conta.

Se num mês específico o

sistema alternativo produziu mais energia do que o necessário para utilização, a “sobra” se transforma em créditos para o usuário – essenciais, por exemplo, nos períodos chuvosos, com pouca incidência de luz natural. Por outro lado, se num cenário parecido a residência ou ponto comercial não produz energia suficiente, acaba recebendo “cargas” de empresas como a Cemig, para que tudo continue funcionando.

Um alívio enorme para as hidrelétricas, que amenizam sua sobrecarga de produção. Por isso mesmo, o Ministério de Integração Nacional anunciou investimento de R\$3 bilhões em projetos voltados a energia alternativa em 2018, sustentando posturas do Governo Federal que, nos últimos anos, já vinha defendendo a expansão de projetos no segmento como forma de evitar crises energéticas a exemplo da ocorrida em 2015.





**TENHA O SOL COMO
ALIADO PARA PRODUZIR,
ECONOMIZAR E CRESCER.**

Linha de Crédito para Energia Solar.

- Redução da conta de energia elétrica em até 80%.
- Módulos fotovoltaicos com até 25 anos de garantia.
- Instalação rápida e sem necessidade de área física dedicada.
- O sistema pode se pagar em 20 anos.

Para mais informações, fale com o gerente.

Central de Atendimento - Atendimento 24 horas, todos os dias da semana
Capitais e regiões metropolitanas: 4000-1111 | Demais regiões: 0800 642 0000
Ouvidoria Sicoob - Atendimento seg. a sex.: 8h às 20h | 0800 725 0996
ouvidoriasicoob.com.br
Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458
www.sicoob.com.br

 **SICOOB**
Faça parte.



Café-com-Byte, tecnologia e coragem

Equipe de Robótica formada por estudantes de São Tiago quer ganhar o mundo, mas antes precisa conquistar apoio

- Mas em algum momento você dorme?

A pergunta veio de um membro da banca num Processo Seletivo. O avaliado: o professor Ronaldo Castro. Naquela hora, à espera de perguntas fuzilantes sobre seu currículo acadêmico ou questões de Física, o educador sorriu e respondeu: “Durmo, sim. Mas sonho muito”.

Nenhum episódio resume tão bem a paixão, a coragem, a dedi-

cação e a ousadia de Castro. Um docente que foge aos limites do quadro negro e das salas de aula para levar os alunos mais longe. Literalmente.

Em novembro deste ano, num loteamento da cidade de São Tiago, foi ele o incentivador para que 900 crianças e adolescentes lançassem nada menos que 300 foguetes alternativos na Mostra Brasileira que compõe a Olimpíada Brasileira de Astronomia e As-

tronáutica. Todos preparados com garrafas PET, bicarbonato e vinagre. No mesmo mês, outro trunfo: o Campeonato Latino-Americano de Robótica, que ocorreu em João Pessoa, na Paraíba, e garantiu à equipe Café-com-Byte a classificação para o Mundial.

Detalhe: o grupo é composto por alunos de uma instituição pública, a Escola Estadual Afonso Pena Júnior. Motivo de orgulho gigante – e de desafios na mesma proporção.



MUITO ALÉM DO HEXA

O hexacampeonato pode não ter vindo para a Seleção Brasileira de futebol, mas chegou com méritos para a Café-com-Byte em disputas de... sim, futebol também! Em 2018, aliás, a equipe da Afonso Pena Junior venceu nas categorias *Soccer Lightweight* e *Soccer Open* da Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR), abocanhando duas vagas para a RoboCup que acontece na Austrália em julho de 2019.

“É aí que começam os sonhos e também as nossas dificuldades. Sabemos para onde queremos ir e realizamos nossas ações para tentar conseguir recursos. Da nossa parte, promovemos eventos e buscamos patrocínios. Mas nada garante que conseguiremos”, diz Castro.

Impossível, no entanto, não é. Na realidade - nem sempre fácil, aliás - a Café-com-Byte participa de torneios de Robótica há cerca de 10 anos. Nessa trajetória, colecionou títulos e se tornou projeto referência num sistema educacional que viu uma escola são-tiaguense ganhar holofotes e aplausos. Em 2012, a instituição conquistou o maior resultado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em todo o país. Pouco depois, foi pauta em reportagem da Revista Veja.

Foi nesse ano que a Café-com-Byte venceu a Robocup no México e voltou para casa com dois troféus: o de Melhor Programação e como integrante de Super Time formado por alunos da China e da Alemanha também.

Para chegar até lá, estudantes participaram da OBR, em Fortaleza, e trouxeram medalhas de ouro na bagagem. Em alta, foram convidados como representantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace).

INCENTIVOS

A jornada da Café-com-Byte (nome mais do que sugestivo para

uma turma nascida em São Tiago, famosa por seu café-com-biscoitos) começou em 2009. Naquele ano, como já de costume, Castro espalhava cartazes sobre a Olimpíada Brasileira de Robótica em murais da Escola Estadual Afonso Pena Junior.

“Sempre gostei de instigar os alunos. Então pregava os informativos e as chamadas para as inscrições pela instituição. A provocação funcionou”, lembra o professor, rindo. Segundo ele, dois de seus alunos, Rodrigo Caputo e William Rodrigues, o procuraram. “Vieram com a cara e a coragem pra dizer: ‘Queremos participar’. Argumentei que sabia nada de Robótica, mas os olhos deles brilhavam tanto e havia tanta coragem naqueles meninos, que comprei um kit investindo dinheiro do meu bolso e entreguei. Em 10 minutos montaram um robô com sensor frontal para desviar de obstáculos”, lembra.

À época foram investidos R\$109 que se multiplicaram. À Café-com-Byte se juntaram Matheus Martins e Samuel Souza. E ao primeiro recurso foram somados patrocínios suficientes para a aquisição de mais peças. O Sicoob Credivertentes fez parte dos apoiadores e, em 2010, o grupo venceu a primeira OBR de sua história, em São Bernardo do Campo.

Vitória que incentivou a criação de outra equipe, com estudantes do Ensino Fundamental. Em 2011, ela também foi campeã numa temporada de boas notícias: a Secretaria de Estado de Educação doou kits para montagem de robôs à Afonso Pena Junior. De lá para cá, poucas peças foram aperfeiçoadas. “O

que conquistamos vem de quase milagres com kits muito antigos”, comenta Castro.

DIFICULDADES

Fazer parte do Café-com-Byte requer escolhas. Para os alunos, elas envolvem estudos, dedicação, imersão no laboratório improvisado dentro da própria escola, o desafio de crescer ano a ano com equipamentos defasados. Para Castro, as decisões são mais amargas: “Ou viajamos para competir com o material que temos disponível ou renovamos tudo e ficamos por aqui. Ano a ano, além de montar e programar nossos robôs, realizamos um trabalho de

resgate ao mesmo tempo em que buscamos apoio financeiro”, comenta o professor de Física.

E sempre foi assim. Atualmente, um kit moderno ultrapassa a marca dos milhares de reais. Cifras que impediriam inscrições, transporte e estadia de alunos em competições. Ainda assim, a abdicação não significa sucesso completo. Daí os eventos e o clamor por patrocínio.

DE ONDE VEM A CORAGEM

Nem só de Robótica se faz a Afonso Pena Júnior. Ao todo, a escola marca presença em oito olimpíadas nacionais, incluindo as áreas de Física, Astronomia, Informática e Ciências. Por quê exa-

tamente? A resposta vem fácil de Castro: “O professor brasileiro não recebe o salário que merece. Mas entra em sala para fazer a diferença. Ver meninos e meninas indo longe, descobrindo talentos e se percebendo como muito maiores do que imaginavam é o meu reconhecimento”, diz.

Ao lado dele está a diretora Maria Auxiliadora Silva e um discurso poderoso: “A escola não se faz só com quadro e giz”. Justamente por acreditar nisso, a educadora conhecida como Dorinha deu o primeiro “sim” à iniciativa de inscrever estudantes na OBR anos atrás. “Naquela época, investir em algo assim soava como uma grande loucura. Alcançar o



Equipe de Robótica persiste. Classificada para outro Mundial, Café-com-Byte agora busca recursos para competir - e tentar bicampeonato



que esses meninos alcançaram, então... parecia impossível. Mas insistimos. Queríamos quebrar a cara na prática, se fosse o caso. No fim, quem não acreditou estava errado”, conta.

RESULTADOS

A primeira Café-com-Byte se formou na base do voluntariado e dos convites por parte de Castro. Hoje, estar entre os integrantes do grupo requer processo seletivo com edital e carta aos pais. “Os estudantes são desafiados o tempo todo, seja pelas lutas diárias, seja pela vontade de revolucionar. E o que mais alegra é perceber que muitos estão dispostos. Já na nossa primeira seleção oficial, em 2013, tivemos 65 alunos inscritos para apenas quatro vagas”, se orgulha o professor de Física que orientou, no projeto de Robótica, mais de 60 alunos até aqui.

E teve como apoiadoras importantes as próprias famílias. “Um pai, certa vez, doou uma bezerra para rifarmos. Arrecadamos R\$4,1 mil para inscrições em um torneio. Isso sem falar nas situações em que as pessoas chegam aqui colaborando com o que têm por acreditarem no potencial do trabalho realizado e nos sonhos dos filhos. É isso que nos empurra adiante. Caso contrário, já teríamos suspenso tudo”, desabafa.

MODALIDADES

A equipe são-tiaguense é composta por alunos com idades entre 13 e 18 anos montando e programando robôs para disputas de Futebol e também na modalidade Resgate. Essa última simula um “ambiente hostil, muito perigoso para o ser humano”, em que um agente autônomo, “desenvolvido pela equipe de estudantes, recebe uma tarefa difícil: resgatar vítimas sem interferência humana”.

Para ambos os desafios os equipamentos pesam cerca de 2,5kg. Todos leves. Pesado mesmo é sobreviver – e vencer – sem apoios suficientes.



Júlio, Rodrigo e Samuel:
da Robótica na escola ao
cooperativismo na região

PRODÍGIOS

Rodrigo Caputo e Samuel Souza tiveram mais em comum do que uma sala compartilhada no Sicoob Credivertentes. Ainda adolescentes, eles ajudaram a fundar a primeira equipe de Robótica na Escola Estadual Afonso Pena Júnior. Mal sabiam, naquela época, que a curiosidade juvenil seria guia para os primeiros passos profissionais. Caputo é mestrando em Ciência da Computação e, após três anos no setor de TI da Credi, fez as malas para atuar na central do Sicoob, em Brasília. O voo alto, no entanto, não o faz esquecer das raízes. “A escolha definitiva pela Programação veio depois da Café-com-Byte. Por mais que já gostasse da área, faltava a certeza. E ela veio com esse time, com as experiências que vivi, com as coisas que aprendi, com os desafios que os torneios me fizeram enfrentar”, diz.

Já Souza menciona a evolução de propósitos. “Eu era o ‘cara da manutenção’. Anos atrás, montava robôs pequenos sem imaginar que, um dia, cuidaria de equipamentos em agências, incluindo Caixas Eletrônicas. Na adolescência a responsabilidade era representar minha equipe, minha escola. Hoje, é facilitar o cotidiano das pessoas”, comenta em referência a mais de 20 mil associados em 19 comunidades do Campo das Vertentes e da capital mineira, Belo Horizonte.

Em janeiro, o jovem Júlio Resende passou a integrar a Credi, substituindo Caputo quase sete anos após compor a Café-com-Byte. E o fez, aliás, em grande estilo, voltando com o título de campeão da RoboCup, no México, em 2012. Experiência que o levou, ainda, à UAISoccer VSS, do Núcleo de Robótica e Tecnologias Assistivas da UFSJ.

Agora, o desafio é também fazer parte de uma jornada com justiça financeira aliada a modernidade. Nada que pareça difícil ao rapaz. “A busca por novos conhecimentos e o trabalho em grupo foram habilidades muito estimuladas na equipe de Robótica e que levo comigo onde vou. Não seria diferente aqui na cooperativa, que inclusive defende esses princípios também”, encerra.





A descoberta de um DOM

*Delícia produzida
no Campo
das Vertentes
conquista
paladares
exigentes e
saudosos*



Atrás do balcão, o comerciante permanecia irredutível. Não queria mais potes de doce de leite. Ao menos não nas prateleiras do negócio que mantém no Centro Histórico de São João. “Porque é tudo igual mesmo”. O semblante fechado do homem, porém, não foi suficiente para a expansividade de Patrícia Resende da Mata.

Psicóloga por formação, ela jura que, naquela hora, nem Freud explicaria sua obstinação. Queria a todo custo um sinal de que deveria insistir no DOM, doce de leite pastoso e fino, sem adicionais ou conservantes, produzido numa simpática fazenda entre São Tiago e Resende Costa.

- Tá bom. Não precisa ficar com o produto. Só prova e me diz se gosta... - insistiu.

E eis que uma colherada e uma feição menos retorcida depois... veio a resposta:

- Meu Deus! Há quanto tempo não saboreava algo assim. Me lembrou a casa da minha avó!

Aí sim a Psicologia volta à cena. “Não queremos um doce que fique esquecido na geladeira. Queremos um doce que traga à tona ou cause boas lembranças”, diz Patrícia.

Há dois anos no mercado, DOM é uma homenagem a Domineu Coelho Filho, homem do campo que idealizou e deu a vida à Fazenda Movimento. Além disso, claro, é trocadilho perfeito e irresistível:

- Você quer um DOM? - pergunta a empreendedora onde vai. Já não ouve “nãos”.

DOMINEU

“Meu avô nasceu, cresceu e viveu na roça. Mas antes desse cenário otimista o Agronegócio enfrentou momentos difíceis também. Senhor Domineu se viu desanimado e inclusive questionou muito minha escolha por Medicina Veterinária. Queria que eu investisse em alguma Engenharia”, lembra Fabiano da Mata, marido

de Patrícia.

A carreira, no entanto, foi mantida. E ao longo de 14 anos o rapaz se dedicou à Assistência Técnica em propriedades rurais do Sul de Minas. Com o tempo, o cansaço e a vontade de empreender, veio a ideia de retornar a São Tiago.

O município, aliás, é berço tanto da família de Patrícia quanto de Fabiano, que acabaram passando a maior parte da vida em grandes centros antes de passarem por Varginha e só aí optarem pelo Campo das Vertentes.

Uma re(visita) às raízes em todos os sentidos. Enquanto o médico veterinário voltou à fazenda do avô, a psicóloga reencontrou tradições que não conhecia. Sinais do destino? Talvez. “Eu tentei encontrar o ponto do meu doce de leite por muito tempo. Foi uma experiência alquimista. Sempre adaptando, sempre me arriscando, sempre pedindo opiniões e nem sempre ouvindo o que eu queria”, relembra Patrícia.

E completa: “Certo dia, porém, ofereci uma colher de doce a uma tia. Ela experimentou, deu um suspiro e foi contar da minha avó,



União em todos os sentidos. Para Patrícia e Fabiano, casamento também chegou aos negócios e ao sucesso com DOM



que havia sido doceira na juventude. Reza a lenda que, em dias de festa em São Tiago, ela fazia tachadas e mais tachadas pra famílias inteiras”.

Se o talento veio no DNA, ninguém sabe. Fato é que o DOM existe – com o perdão do trocadilho – e há dois anos não para de conquistar espaço.

CORAGEM

Fabiano planejava investir na própria fazenda na velhice. Patrícia insistiu para que realizasse o

sonho mais rápido. “Meu pai vivia dizendo que voltaria para São Tiago quando se aposentasse. Mas faleceu um mês depois. Ninguém sabe o que acontece amanhã. Se for pra fazer, que seja agora”, defende ela.

Em 2016, foi a vez de o marido oferecer a motivação necessária aos sonhos de Patrícia. Na terra natal desde 2014, ela ainda hesitava em se dedicar à produção de DOM. Queria começar já com uma

fábrica totalmente montada. “Foi aí que insisti no contrário e disse pra dar o primeiro passo no improviso. O caminho só existiria a partir dali”, conta Fabiano.

Deu certo. Após uma sucessão incontável de viagens, pesquisas, cursos, buscas por fornecedores, testes e até frustrações, o doce de leite ganhou consistência. Em todos os sentidos.

TURISTAS

O casal explica que a primeira remessa realmente comercial de DOM só saiu no final de 2016. Pouco depois, foi a hora de colocar o doce fabricado entre São Tiago e Resende Costa à prova. O local escolhido foi Tiradentes, em plena *Mostra de Cinema* lotada de



turistas. “Pedimos a uma gráfica que criasse um rótulo e deu errado. Então nos sentamos em frente ao computador e desenvolvemos tudo. Incluindo a logomarca e a tag. Embalamos, colocamos uma fitinha. Ficou com o jeitinho do interior, com tudo feito em casa e à mão, cheio de carinho. Daí foi hora de encher o carro com potes e colocar o pé na estrada”, narra Patrícia.

Logo depois, entre alguns “hoje não, obrigado”, “já tenho outro doce aqui” e “coloco pra vender se for bem barato”, começaram as respostas positivas.

A primeira veio de uma cafeteria e o resto é história. De Tiradentes, DOM se espalhou para restaurantes como o Saliya, em Ritópolis; empórios em São João del-Rei; mercados e bistrôs em Belo Horizonte. Isso sem falar em páginas de digital influencers como o *Casal Gastrô*, hoje radicado em Resende Costa. “O mais interessante do DOM é que ele se tornou conhecido praticamente no boca-a-boca. Não mantemos redes sociais nem temos site próprio, por exemplo. Mas houve uma propaganda voluntária super benéfica, além do nosso corpo-a-corpo em vários eventos”, diz Fabiano.

O resultado? Consumidores apaixonados e turistas afoitos desembarcando na região em busca de um potinho da delícia mineira que, se tivesse passaporte, já teria carimbado viagens por países da América, Europa e Ásia. Coloque no trajeto, aliás, os vizinhos Argentina e Uruguai – eles próprios famosos por suas compotas de doces.

FUTURO

Quando decidiram investir na fazenda e no beneficiamento de leite, Fabiano e Patrícia estabeleceram um prazo para ver o projeto decolar: dois anos. “Um ano e meio depois, quando o DOM ainda patinava, já pensei: ‘Só caranguejo não anda pra frente. É aqui que vamos ficar’”, ri a empreendedora.

Fato é que em pouco tempo

a vida do casal virou de cabeça pra baixo. Inicialmente interessados na produção de queijo, se viram levando doce de leite esta-do afora após reparos e reparos na propriedade rural herdada do Sr.Domineu. “Quando voltamos para São Tiago sequer havia energia elétrica ou uma porteira aqui. Só existia um coxo de sal. Depois reestruturamos, chegaram as vaquinhas, a casa, os equipamentos”, recorda Fábio.

Hoje, sete pessoas trabalham para que DOM chegue ao mercado num número que pode crescer.

Isso porque ainda em 2019 a fábrica do doce de leite passará por reforma e ganhará inclusive um novo tacho. Ou dois.

É que Felipe, filho mais novo do casal, já cobra a própria ferramenta em miniatura para trabalhar. “Ele vivia dizendo que queria fazer o doce da mamãe e trabalhar com ela. Prometemos que poderia aos cinco anos e já na véspera do aniversário veio cobrar. Agora quer um tachinho”, ri Patrícia.

Pelo jeito, DOM vai adoçar – e encantar – paladares por muito tempo.

O SEGREDO

A produção de DOM já é grande: 400 quilos por semana respondendo a demanda crescente pelo doce. Se por um lado a receita e suas medidas são mantidas a sete chaves, por outro o diferencial da delícia mineira é contado sem pudor.

“O leite que utilizamos na fabricação é fresquinho, da ordenha da manhã. Além disso, tem mais gordura e proteínas, vindo de animais que ficam a pasto e têm dieta balanceada”, explica Fabiano. Na Fazenda Movimento, aliás, o rebanho com 30 cabeças é de matriz Girolando, totalmente registrado.

Há, ainda, a lembrança das raízes. Sobre um fogão de lenha carinhosamente mantido na propriedade, descansam os chapéus do Sr.Domineu.



Eu sou João da Matta

A conturbada e intrigante história do homem negro, tropeiro, maltrapilho e livre que encantou teatros elitistas enquanto fez história com sua música

Desenho retrata o músico com base em busto em sua homenagem na sede da Lyra Sanjoanense



Há duas versões para a mesma história. Uma de que um grupo de cristãos se preparava para uma missa na Zona Rural. Outra de que duas moças estudavam música na sala de casa, em Pitangui.

O personagem central, porém, é um só: um homem negro, alto, de corpo abrutalhado, maltrapilho, de pés descalços. Nômade, pobre e afeito ao álcool, ele se senta do lado de fora e escuta atenciosamente a melodia. Percebe, atônito, que a conhece. Muito bem, aliás. Resolve, então, se manifestar.

E, batendo à porta, não se aca- nha ao ser atendido:

- Há equívocos na interpretação. Não estou satisfeito.

- E quem é você pra ser meter nisso? - ouve como resposta.

- Eu sou João da Matta.

Essa frase é uma das favoritas de Francisco Braga, historiador, escritor, pianista e compositor que tem dedicado os últimos anos a desvendar João da Matta, o são-joanense descendente de escravos que se revelou na música. “Muitos citam uma veia autodidata”, explica o pesquisador acrescentando, porém, que todo o talento de Matta foi aprimorado pelo convívio e os ensinamentos de ninguém menos que Martiniano Ribeiro Bastos. Fato é que se tornou afinador de pianos, instrumentista, maestro e compositor à moda italiana sem nunca sair do

Brasil.

Dentro do país, porém, transi- tou por onde quis como tropeiro, cruzando dos sertões mineiros à Corte, no Rio de Janeiro. Há quem diga, inclusive, que possa ter sido um dos precursores do samba, no início do século XX.

INCÓGNITA

Não são poucos os jornais mi- neiros a mencionarem João da Matta; muitos também são os elo- gios a ele vindos de figuras como Antônio Carlos Gomes, autor da ópera *O Guarani* e nada menos que o primeiro não-europeu a ga- nhar holofotes nos principais tea- tros italianos.

Ainda assim, é rodeado de mis- térios. Um deles envolvendo seu acervo de criações. Braga diz contabilizar pelo menos 35 partituras sacras reconhecidamente assina- das por João da Matta. Isso sem falar nas obras pagãs associadas a ele e às quais ainda não teve aces- so.

Acontece que o dinamismo do músico se igualava a seus dons. Tropeiro viajante, assumidamente boêmio e colecionador de confu- sões no currículo, João da Matta vendeu composições por onde passou. O jornal *A Pátria Mineira*, aliás, chegou a publicar um anún- cio em nome de Matta, em outu- bro de 1880, mencionando “mar- chas, dobrados, polcas, modinhas e hinos patrióticos”. “O impresso não especifica, infelizmente, se eram peças de sua autoria. Tal- vez por ser algo óbvio aos leito- res”, analisa Braga. Para ele, aliás, um outro trecho é interessante

por frisar, sem dúvidas, a origem são-joanense do músico tropeiro: “Espero que os meus bons conter- râneos me favoreçam comprando- -me algumas músicas, visto ser produto para auxiliar minha via- gem à Corte, onde vou publicar uma artinha musical e diversas composições”, diz o texto.

Nessa dinâmica, porém, muitas partituras se perderam. E isso sig- nifica que a obra de João da Mat- ta, extensa até onde se conhece, pode ser ainda mais ampla. Braga, por exemplo, faz uma lista com- pleta de títulos que já localizou - incluindo peças guardadas pela Fundação da Biblioteca Nacional. Dentre elas, títulos pagãos como *Minh'alma é triste*, *Os Monarchas* e *Miragem*. Já o jornal *A Gazeta Mineira*, de 1891, cita uma partitu- ra com o nome *Tango das Moças*. “Fala-se muito, também, de um *Hino da Liberdade*, composto para a Abolição da Escravatura; e um *Hino Republicano*, intenso, dinâ- mico, grandioso, para concorrer com os maiores compositores do país. No distrito do Rio das Mor- tes Pequeno, no arquivo da Lira do Oriente Santa Cecília, localizei ainda duas marchas dele, intitula- das *Belleza* e *João da Matta*”, des- creve o pesquisador, lembrando que Matta foi um dos fundadores da corporação, em 1895.

Grandiosa é, ainda, sua heran- ça à música sacra, incluindo *Tota Pulchra es Maria*, um hino católi- co festivo que se soma ao solo ao pregador *Veni Creator Spiritus* e à *Missa Assumpção de Nossa Senhora*, a quatro vozes, dedicada a D. Pe- dro II. A Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) também cataloga *Ave Maris Stella* e uma *Missa Car- melitana em Dó*.

NASCIMENTO E MORTE

Interrogações também ron- dam o nascimento de João da Matta. Segundo Braga, uma pista pungente sobre a origem dele es- taria em dois possíveis registros de nascimento: ambos encontra-



dos no Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em São João, pelo saudoso musicólogo, historiador e pesquisador Aluísio Viegas.

As relíquias, aliás, são citadas por Eduardo Lara no livro *Coalhadas e Rapaduras*, lançado pela Coleção Lageana em 2014. Na publicação, o autor lembra que o sobrenome “da Matta” não era típico entre as famílias no século XIX. Por isso, uma suspeita levantada é de que João da Matta tenha sido batizado em homenagem a São João da Mata, celebrado pela Igreja Católica em 8 de fevereiro. À época, conta Lara, era comum nomear crianças considerando o santo do dia de nascimento.

A partir daí, um documento mencionando “João, inocente, crioulo, filho natural de Maria Africana, escrava de D. Anna Narciza de Jesus” (*sic*), pode fazer referência ao músico são-joanense. Caso o seja de fato, João da Matta teria nascido em 1844 e falecido aos 65 anos.

Outra possibilidade é de ser ele “João, filho legítimo de João da Mata e Antonia Maria de São Pio sendo os padrinhos Manoel Joze da Costa Machado, e Joanna Maria Joze Albuquerque” (*sic*). O menino mencionado no registro foi batizado em 28 de maio de 1832,

levando a crer que João da Matta, falecido em 1909, possa ter vivido até os 77 anos.

FINALMENTE, A MÚSICA

“Ele foi um músico completo”, diz o pesquisador Francisco Braga enquanto passeia olhos e dedos por impressos espalhados sobre uma mesa na Biblioteca Municipal Baptista Caetano d’Almeida, a mais antiga de Minas Gerais, em São João del-Rei. Foi lá, entre cerca de 30 mil volumes nas prateleiras, que Braga encontrou publicações históricas sobre João da Matta.

Todas embasaram palestras ou artigos publicados em blogs. Num deles, aliás, destaca: “Consta que Matta tocava todos os instrumentos de sopro que possuem três chaves ou válvulas (tendo sido virtuose no oficleide) e alguns de corda. Além disso, era pianista, tendo se apresentado em concertos em todo o Oeste e Sul de Minas, atuando como insigne professor de música, hábil afinador de pianos e compositor ativo e fértil, com forte influência da ópera italiana, como a maioria dos seus contemporâneos”.

Sobre esse talento múltiplo, Braga lembra que seu dom pianístico só ficou conhecido por testemunhos de quem ouviu Matta tocar. Composições para o instrumento, assinadas pelo são-joanense, não vieram à tona. “Se algo foi escrito pelo João da Matta pianista não se tornou conhecido, infelizmente. O que temos são partituras para orquestra e coro, com viés sacro. Por outro lado, muito se fala em composições profanas que podem estar espalhadas pe-

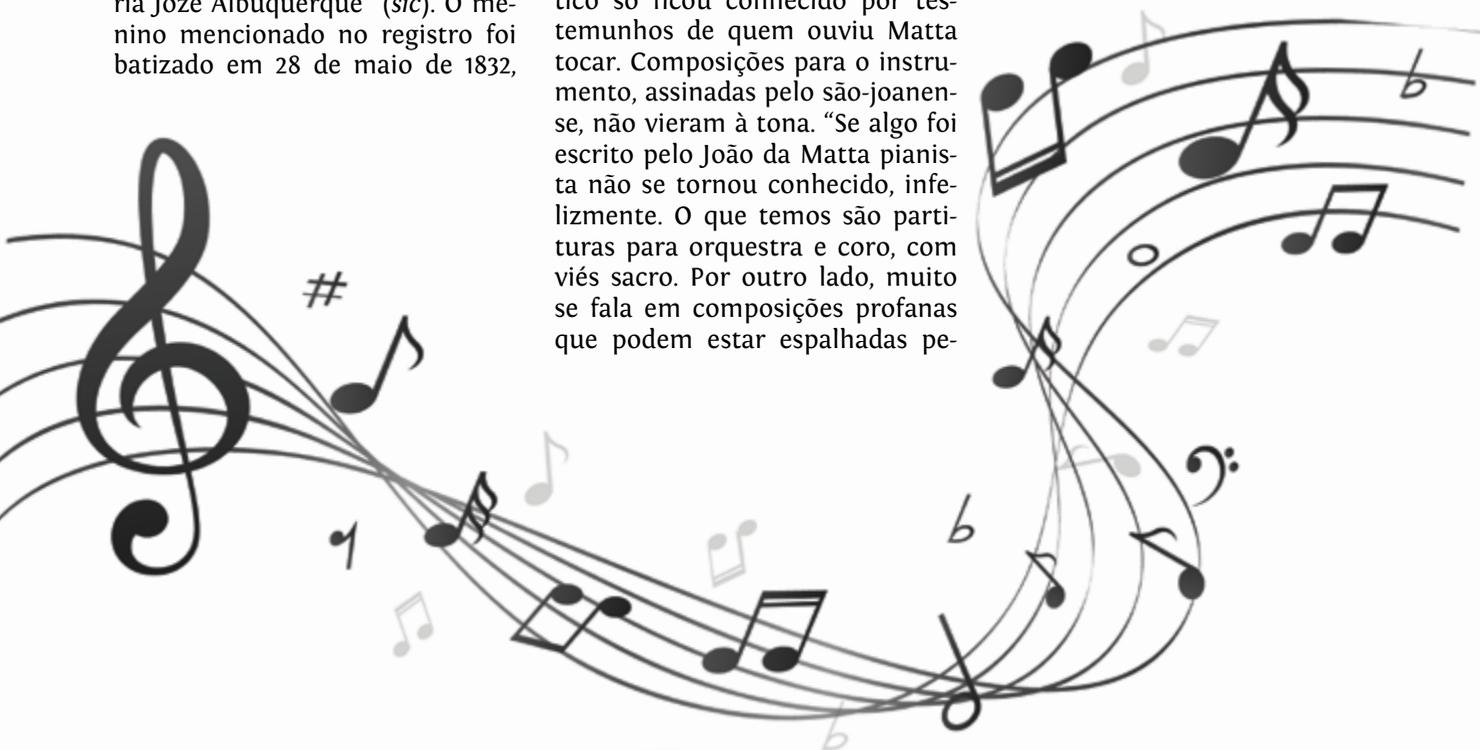
las cidades onde passou e vendeu suas criações. Mas o importante a assinalar aqui é que grande parte da sua obra foi impressa em editoras brasileiras de Música e tudo indica que foi o compositor são-joanense com mais obras publicadas em vida”, deduz.

OS “LIMITES DA RAÇA”

Embora a data de nascimento de João da Matta ainda seja um mistério, é possível rascunhar o contexto de sua chegada ao mundo. E para negros como ele, no Brasil, o cenário não era dos mais favoráveis.

Seja nos anos de 1830 ou 1840, o parto do menino João ocorreu em plena “Era Escravocrata” de um país que só tenderia ao abolicionismo a partir de 1850, com a Lei Eusébio de Queirós proibindo o tráfico de africanos.

Localmente, no entanto, havia outras nuances sociais. Algo que Braga classifica como “os limites da raça”. “Acredito que ele tenha nascido escravo e, em certa altura da vida, tenha conseguido a alforria. Naquela época, negros, mulatos e pardos tinham a chance de



alcançar melhor status social se se dedicassem às artes. Foi o caso de João da Mata, que se descobriu sob a batuta de Martiniano Ribeiro Bastos”, narra o professor, lembrando que o próprio Bastos era mulato. “Não só ele como outros grandes nomes, como o Padre José Maria Xavier e Presciliano Silva”, acrescenta.

Há também, nas páginas dessa história, grandes ironias. “Estamos falando sobre uma época muito estratificada, dividindo as pessoas com base no poder aquisitivo, na religião e, sobretudo, na cor. O prestígio que João da Mata conquistou representou, então, superação pessoal. E significou muito para a mineiridade e a História brasileira”, alerta Braga.

COALHADAS E RAPADURAS

A distinção por cor da pele se refletia, portanto, no próprio meio musical. E foi pano de fundo para certa “rivalidade” entre a Orquestra Ribeiro Bastos e a Lyra Sanjoanense no século XIX. À época, os primeiros foram apelidados como Coalhadas e os últimos como Rapaduras.

No meio de uma disputa por favoritismo e apreço do público, os títulos jocosos ganharam duas explicações. Uma delas de que faziam referência à branquitude da Ribeiro Bastos, embora tivesse como maestro um músico afrodescendente, e à negritude da Lyra.

Em entrevista ao *Jornal das Lajes*, no entanto, o historiador e escritor Eduardo Lara Coelho frisa: “Essa versão é pouco confiável, visto que os dois grupos eram majoritariamente compostos por negros e tocavam para instituições de brancos, pardos e negros. A outra versão se relaciona ao fato de que a sede da Ribeiro Bastos seria próxima de uma fábrica de queijos. Daí os integrantes da Lyra chamarem os da Ribeiro de Coalhadas. Esses, para não ficarem por baixo, chamaram os da Lyra de Rapaduras”.



Francisco Braga: pesquisa por paixão em nome da música, da memória e do legado de João da Mata

CONFUSÕES

Nenhum desses impasses, no entanto, se compara às confusões pessoais de João da Mata. Tropeiro, livre, boêmio e afeito ao álcool, o músico protagonizou episódios

turbulentos em sua biografia.

Um deles teria ocorrido em 1891, de acordo com um processo criminal acusando o músico de “ofensa física” a Vicente Mendes, em Oliveira.

Cinco anos mais tarde, outro crime foi associado a Matta, que teria esfaqueado Cândido José Fernandes em São João del-Rei. Por esse caso, ficou preso até abril de 1897.

Fato é que a fama de arrua-ceiro se espalhou entre as cidades no Campo das Vertentes, a ponto de o jornal *Arauto de Minas* publicar uma nota, em 1893, destacando que “o nosso maestro, retirando-se da cidade de Oliveira, trouxe honrosos atestados de autoridades e pessoas altamente colocadas, asseverando ter sido irrepreensível o seu procedimento naquele lugar”.

“Essa publicação era extremamente conservadora. Ainda assim, reservou espaço a João da Matta por considerar sua importância artística. Com esse discurso, mencionando as autoridades, o texto parece dizer: ‘Fiquem tranquilos. Ele é um bom homem’”, analisa o professor e historiador Francisco Braga.

RECONHECIMENTO

Nos anos 1870, João da Matta se apresentou no Teatro Novelli, em Juiz de Fora. Na plateia, contam, estaria Carlos Gomes, autor de *O Guarani*. Citando um recorte do jornal *O Pharol*, Eduardo Lara Coelho relata que Gomes teria se encantando. E inclusive se disposto a pedir ao Imperador



Imagem de João da Matta foi restaurada pelo historiador Silvério Parada em 2009 a pedido de Aluizio Viegas

uma “pensão”. O objetivo? Pagar os estudos de João da Matta em um conservatório em Milão.

Algo que não aconteceu. “Ele jamais estudou fora do país. O que se comenta em São João del-Rei é que Matta teria recusado a bolsa por causa de seu casamento recente com Ambrosina Silva da Matta. Mas não é algo em que acredito”, defende o professor Braga apontando, logo depois, que em 1879 outro são-joanense é quem foi para Milão: Presciliano Silva.

BUSCAS

Intrigado e apaixonado, Braga quer descobrir mais. “Há muitas dúvidas em torno dessa figura tão emblemática. Então sigo investigando jornais, livros, partituras. Onde houver um arquivo sobre João da Matta quero ir”, conta.

Nessa jornada, já perambulou por municípios e distritos onde Matta supostamente esteve.

Quer, agora, fazer suas buscas no Rio de Janeiro. Corte Imperial entre 1850 e 1870, a cidade era constantemente frequentada pelo músico. Por lá, aliás, o são-joanense teria conhecido compositores que, mais tarde, dariam início à história do samba no Brasil.

Com tanto protagonismo, Matta se tornou uma lenda que faleceu em Serranos, Minas Gerais, em 1909. Como herança deixou outro músico, o filho Targino da Matta. “Sabemos que foi um violoncelista e trompetista extraordinário, que brilhou na Orquestra Ribeiro Bastos no final do século XIX e início do XX, notabilizando-se em Belo Horizonte, para onde se transferiu posteriormente”, descreve Braga em um de seus artigos no blog www.saojoaodel-rei.blogspot.com. Há produções do pesquisador, também, em www.bragamusician.blogspot.com.



Entrevista *Fabiana Oliveira*

Membro do Conselho de Administração

Perserverar e cooperar



A expressão “agora é que são elas” nunca fez tanto sentido. Bem como no Agronegócio (leia matéria na página 33), a própria estrutura cooperativista tem testemunhado o protagonismo feminino. Em Minas Gerais, a presença delas cresceu mais de 25% no quadro social de instituições como o Sicoob Crediverentes, de acordo com dados do Sistema Ocemg.

Mas não para por aí. Na Credi, a participação de mulheres tem avançado, também, nos espaços decisórios. Em 2017, por exemplo, 21 delegadas foram eleitas em nosso Sistema de Governança, total 700% superior na comparação à primeira votação, em 2013.

E é justamente nessa esteira que despontam, tam-

bém, as conselheiras de Administração Lígia Moreira e Fabiana Oliveira, que seguem compondo o grupo até 2021. A primeira é educadora e empresária, além de ativista cultural, turística e do empreendedorismo rural em Carrancas.

Já a última é graduada em Ciências Contábeis e Direito. No currículo, uma lista gigante de especializações que incluirá, em breve, um Mestrado em Auditoria e Gestão Empresarial pela Universidad Del Atlantic (em Santander, na Espanha). Nesta edição

da revista *Vertentes Cultural*, Fabiana fala sobre a própria trajetória e a voz feminina no cooperativismo. “A sociedade tem mudado conceitos. Enquanto isso, mostramos que temos capacidade e competência para estarmos onde estamos”, diz.



Acredito que a economia do país já caminha rumo à retomada da confiança. Com isso, o Cooperativismo de Crédito também tende a crescer



VERTENTES CULTURAL – O presidente do Conselho de Administração, João Pinto de Oliveira, destacou recentemente a força do grupo que atuará junto com ele nos próximos anos. Não apenas pela dedicação cooperativista, mas pela multiplicidade de conhecimentos e atuações profissionais técnicas, incluindo advogados, administradores, comerciantes, produtores rurais, comunicadores, professores e servidores públicos. Você, particularmente, é da área de Direito. E obviamente sua expertise em legislações exerce papel importante no Conselho. De que forma isso acontece?

FABIANA OLIVEIRA – Enquanto conselheiros, sabemos que nossas decisões impactam diretamente nos resultados e, obviamente, na vida de 20 mil associados. A cada notícia, mudança de estratégia ou alteração em legislações, precisamos responder – às vezes até de maneira imediata. Tudo isso cumprindo, também, o que determina o Banco Central – sempre para transformar a vida financeira

dos cooperados. A nossa responsabilidade é grande tanto pelo nosso compromisso e por nossos valores pessoais quanto pelo fato de sermos fiscalizados diuturnamente.

Algo que vejo como extremamente positivo. Afinal, é garantia e certeza de estarmos prestando um serviço de excelência para nossas comunidades – e nossos números crescentes comprovam isso.

VERTENTES CULTURAL – E de que forma o cooperativismo influenciou a sua vida pessoal ou profissional?

FABIANA OLIVEIRA – Sempre me refiro à cooperativa como “família Sicoob Crediverentes” e digo que tem colaborado para meu crescimento. Na realidade, conheci o cooperativismo através do gerente da agência de Barbacena, Aloízio Andretto. Logo que a Credi chegou à cidade, em 2002, ele me convidou para me tornar associada. Aceitei de prontidão e sinto muito orgulho em dizer que lá



no início já confiei na força da instituição. Depois me encantei tanto pela filosofia dela que passei a pesquisar sobre o tema.

Vi, ali, uma forma de melhorar condições das comunidades vizinhas, de expandir negócios, de agregar valores a produtos e unir pessoas. De transformar o mundo em um lugar mais justo, promovendo o desenvolvimento econômico e a inclusão social.

VERTENTES CULTURAL – *Foi a partir dessa percepção que decidiu participar ainda mais ativamente do cotidiano cooperativista?*

FABIANA OLIVEIRA – Sim... Para mim, é incrível a ideia de incentivar a união das pessoas em prol de suas comunidades. Aos poucos, minha ligação com o Sicoob Credi-vertentes se tornou tão intensa que escolhi o Cooperativismo como tema no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Graduação em Direito.

VERTENTES CULTURAL – *Por falar nisso, você tem um currículo extenso: é pós-graduada em Auditoria e Contabilidade Financeira; e em Administração, Marketing e RH. Também tem MBA em Direito Tributário enquanto atua, ainda, nas áreas Trabalhista, Cível, de Auditoria Contábil e como perita judicial. Se somarmos a isso seu mestrado atualmente, como sobra tempo? O que a motiva nessa busca constante?*

FABIANA OLIVEIRA – Eu me considero uma pessoa dinâmica, mas firme nos meus propósitos e objetivos. Além disso, tenho em mente que tenho muito a aprender e oferecer.

VERTENTES CULTURAL – *Esse “sempre”, aliás, é literal. Sua carreira começou a ser trilhada ainda na adolescência. Certo?*

FABIANA OLIVEIRA – Na verdade, me apaixonei pela Contabilidade aos 12 anos, com minha Madrinha de Crisma, Mariazinha, proprietária de um escritório contábil. Mais tarde, fiz um curso técnico e depois me graduei em Ciências Contábeis, além de buscar especializações. Então me tornei contadora, auditora e perita judicial. Algo que me levou a um trabalho em Araguaína (TO). Lá descobri ainda a paixão por lecionar.

Quando voltei a Barbacena, continuei estudando. Nessa época, percebi no cotidiano como contadora e na rotina de administra-

ção de negócios com meu marido que precisava ir além. Daí surgiu o Direito. Queria ainda mais *eficiência e qualidade* no trabalho que eu desenvolvia.

VERTENTES CULTURAL – *Essas duas palavras que você mencionou são essenciais para qualquer empreendedor. No caso do brasileiro, é importante acrescentar a força para seguir em frente numa economia em recuperação. Que perspectivas você enxerga para os próximos anos?*

FABIANA OLIVEIRA – Bastante otimistas. Acredito que a economia do país já caminha rumo à retomada da confiança. Consequentemente, o Cooperativismo de Crédito também tende a crescer. Temos muito espaço para isso sem esquecer que, hoje, há não apenas a competitividade com os bancos, mas também com outros tipos de negócios, como as Fintechs. Na prática, cooperativas como a Credi precisam estar preparadas para atuar com ainda mais eficiência na Gestão. Assim como os demais empreendedores. Um conselho que dou é que todas as empresas apostem no Planejamento Tributário, levando inclusive a grandes diminuições de custos.

VERTENTES CULTURAL – *Quando você fala em “efetividade na Gestão”, nos remete imediatamente ao Sistema de Governança do Sicoob Credi-vertentes. Em 2013 você chegou a ser eleita delegada em Barbacena, mas logo depois veio o convite para a chapa do Conselho de Administração e, com isso, seu protagonismo em um cenário importante de crescimento feminino nos processos de decisão. Como se sente sabendo que exerce esse papel até mesmo socialmente importante?*

FABIANA OLIVEIRA – Comecei a frequentar as Assembleias da Credi ainda em 2002. E percebia a participação feminina muito tímida. Aos poucos, isso foi mudando. Passei a compor o Conselho de Administração – assim como D.Lígia Moreira –; Vera Santos se tornou assessora jurídica da empresa, mais mulheres se candidataram e foram eleitas como delegadas... Isso sem falar em gerentes e outros cargos diretivos assumidos por profissionais do sexo feminino.

Vejo esse cenário com orgulho e satisfação. A sociedade tem mudado seus conceitos. Enquanto isso, mostramos que temos capacidade e competência para estarmos onde estamos, lado a lado com os homens. Não poderia ser diferente.



Abrindo ALAs para a inclusão

Empatia e solidariedade são motores para equipe de corrida em trilhas da região. À frente, dois filhos de um homem que luta há décadas contra a Encefalite - e sem dizer uma palavra, ensina sobre persistência e amor à vida



GABRIEL GUIMARÃES



O diagnóstico foi desolador: Encefalite. Aos 25 anos, Luiz Guimarães descobriu que passaria o resto da vida condicionado às sequelas de inchaço e inflamação no cérebro. Naquela época, era um jovem militar, esportista, casado e pai de dois filhos pequenos morando com a família no Sul do Brasil.

Hoje, aos 57 anos, reside em Tiradentes e, mesmo sem andar ou falar, continua “correndo” – inclusive nos Trail Runs noturnos em terrenos incertos da Serra São José. Como? Em um monociclo idealizado pelos herdeiros, Gabriel e Daniel Guimarães, em parceria com amigos.

Mais do que um projeto de inclusão, um sonho de infância. Mais do que tudo isso, uma prova de amor, superação e solidaria-

de. Resumindo: a equipe ALA Especial.

MENINO PEQUENO, SONHOS GRANDES

“Eu nunca vi meu pai saudável, dar um passo ou conversar. Cresci já conhecendo as dificuldades e limitações dele”, conta Gabriel segundos antes de acrescentar, com tom de resiliência: “Mas se quer saber a verdade, nunca lamentei isso. Minha mãe foi uma guerreira que nos ensinou coragem desde os primeiros dias e Luizão é força pura. Pra mim, é um privilégio aprender tanto com ele”.

Talvez por isso, tanto o rapaz quanto o irmão tenham desenvolvido desde cedo o sonho de manter o pai em competições. E não faltou inspiração para isso. Aos 10 anos, Gabriel viu pela TV a história da Equipe Hoyt, formada por Dick e Rick Hoyt, pai e filho americanos que competem, juntos, em maratonas e até triatlôs. Dick é um ex-militar de 78 anos

e Rick o primogênito que nasceu com o cordão umbilical enrolado ao pescoço, impedindo a oxigenação do cérebro. Com isso, não é capaz de se comunicar nem se locomover sozinho. Nas competições, é empurrado pelo pai em uma cadeira móvel totalmente adaptada. “Aquilo ficou na minha cabeça e guardei comigo ao longo dos anos. Até que em 2011 o projeto se tornou real”, conta.

REALIDADE

Naquele ano, Gabriel revelou a meta de levar Luiz para competições a dois amigos da Ômega, empresa júnior de Engenharia Mecânica e de Produção da UFSJ. A adesão de Lucas Andrade e Ricardo Kersul à ideia foi imediata, ganhando um projeto ousado: a construção de um monociclo sobre a balança traseira de uma moto. Tudo isso com uma poltrona adaptada e em estrutura ideal para terrenos montanhosos e estreitos.

“Houve dificuldades na ela-



boração, alguns entraves foram surgindo. Mas isso não nos abalou. Muito pelo contrário: junto com os problemas vieram mais adesões à ideia, ajustes, possibilidades. O resto é história que, aliás, foi inspirada também em uma experiência do repórter Clayton Conservani, cruzando o Deserto do Saara com uma equipe de bombeiros levando seis pessoas com paralisia cerebral”, relembra.

PÉS NAS TRILHAS, AMOR NO PEITO

Em setembro de 2013, Gabriel, Daniel e um grupo de amigos finalmente correram junto com Luiz na etapa Estrada Real do XTerra, em Tiradentes. Foram 9,5km de jornada noturna facilitada pelo equipamento que ajudaram a criar e o apoio de atletas amigos.

Ao final, subiram todos ao pódio e uma cena emblemática ocorreu: ovacionado, Luiz sorriu. “Naquela hora, me entreguei à emoção e soube que não poderíamos mais parar. Por ele, por nós, pelo esporte, pelas pessoas que têm a superação como filosofia de vida”, lembra Gabriel.

É nesse ponto que a Equipe ALA se explica. A sigla, além de

Luiz, faz menção a Alessandro Pinho e Alex Oliveira. O primeiro enfrenta problemas de locomoção motora desde que nasceu; enquanto o segundo convive com complicações de uma retinose, doença genética que leva à perda progressiva da visão. Ambos também são apoiados pelos mais de 20 atletas que hoje integram o grupo.

AMIZADE

A tarefa da ALA não é fácil. Em trechos mais difíceis, é preciso carregar Luiz e o veículo criado para ele. Some a isso as dificuldades do trajeto e o cansaço pessoal. Ainda assim, não há quem negue a satisfação de estar lá. Afinal, a adrenalina, a solidariedade e o sentimento de fazer a diferença equilibram tudo.

Seis anos depois da primeira competição, a equipe já ostenta mais de 30 corridas em sua trajetória. Algumas delas em asfalto, usando um triciclo doado a ela em 2014. Ao todo, cerca de 25 pessoas integram o grupo e se revezam nos eventos cada vez mais desafiantes.

Em 2018, aliás, Luiz reviveu a alegria de correr em outro local que ama, Belo Horizonte. E o fez

em grande estilo, na Volta Inter nacional da Pampulha. Ao longo de 18km, ele e os filhos ouviram aplausos e gritos de apoio. “Acho que não há remédio melhor. Meu pai não fala, mas é perceptível a satisfação no rosto dele e a emoção de quem o encontra. Sem uma palavra ele inspira outras pessoas e nos ensina sobre continuar”, comenta Gabriel.

ESPÍRITO ESPORTIVO

Os esportes sempre fizeram parte da vida dos irmãos Guimarães. Para Gabriel, o DNA ajuda a explicar a paixão dos dois por movimentar e desafiar o corpo. Algo que se soma à história do pai e outras influências de vida, como escolas incentivadoras de talentos competitivos.

Nada disso os preparou, porém, para tudo o que vivenciaram com a ALA. “Na nossa primeira corrida o coração disparou e apertou ao mesmo tempo. Havia um sonho sendo realizado mas junto com a alegria disso vinha o receio: e se algo der errado? Só passou quando subimos ao pódio”, conta o rapaz.

Essa parte, aliás, se tornou um ritual. Anualmente, no XTerra, Luiz e os filhos são chamados



GABRIEL GUIMARÃES

pelo narrador oficial – que já chegou a titubear, emocionado, enquanto falava ao microfone. E não foi o único. “Faço questão de esperar a chegada da Equipe ALA. Pra mim, ela representa a maior das vitórias e lembra o que realmente importa na vida: amor e persistência. Vejo uma família unida e amigos dedicados ali. É bonito demais”, descreve Elton Marques, de Belo Horizonte.

INSPIRAÇÃO

Bruno Pinheiro, de São João del-Rei, sabe bem o que é isso. Atleta de corridas desde 2016, ele ingressou na Equipe ALA um ano depois e nunca mais parou. Obra do acaso e, ao mesmo tempo, da empatia.

“Estava em Tiradentes com a turma da academia que eu frequentava quando vimos o Gabriel chegar com o Luiz. Nosso professor sugeriu que nos juntássemos a eles e dali nasceu uma história de companheirismo e gratidão. O esporte mudou minha vida e da minha família. Éramos todos sedentários. Hoje nos transformamos e a ALA, com tudo o que ensina, foi motivadora nisso”, revela.

LUMIÈRE/DIVULGAÇÃO



Além de Luizão, ALA também abraça Alessandro Pinho e Alex Oliveira (na foto, à direita, ao lado de Gabriel)



LUMIÈRE/DIVULGAÇÃO

INSPIRAÇÃO

Luizão. Na ALA Especial, o aumentativo prova a grandiosidade de Luiz Guimarães e do apoio familiar que o rodeia. Além disso, prova que o amor ainda é um dos melhores remédios.

Mais de três décadas após descobrir a Encefalite e suas sequelas irreversíveis, o ex-militar reage e se expressa a seu modo. Sorri, se mostra animado quando perguntam se quer correr e se diverte com as piadas que ouve. Os filhos, aliás, adoram brincar com ele sobre tudo. “Ele se diverte, interage, gosta das pessoas ao seu redor. Por outro lado, também manifesta indisposição de vez em quando e o respeitamos”, explica Gabriel, redefinindo inclusão. “Pra nós, não se trata de inserir as pessoas em um meio. É de ajudar que sejam felizes. Meu pai não se movimenta, não come direito e mal consegue segurar objetos sozinhos, mas jamais desistiu de viver e, mesmo em meio às dificuldades, continua fazendo o que sempre amou”, frisa atribuindo à mãe, Christina Rodrigues, parcela significativa dessa conquista.

“Morávamos em um sítio no sul do país e, para chegar a muitos lugares, precisávamos atravessar uma rodovia. As outras crianças da localidade eram proibidas de fazer isso. Já meu irmão e eu éramos estimulados a entender que, com cuidado e atenção, éramos capazes. Aprendemos muito sobre autonomia, liberdade e segurança ali. Assim como tínhamos, dentro de casa, um espelho de motivação. Ela se viu de repente com dois bebês nos braços e um adulto debilitado. Sempre lutou. Como ele”, frisa.





• Pôr do Sol colore
• céu entre Itutinga
• e Nazareno. Na
• foto, as águas
• da Represa de
• Camargos, ponto
• de lazer, turismo
• e cenas de tirar o
• fôlego no Campo
• das Vertentes.
• Em tempo, uma
• curiosidade: o
• flagra, registrado
• por Deividson Costa,
• esconde o milagre
• da resistência.
• Embora não pareça,
• uma chuva de
• relâmpagos atingia
• a região quando o
• clique foi feito.



Lugar de mulher...

... é no Agronegócio também. Força feminina conquista espaço nos empreendimentos rurais e divide protagonismo no setor responsável por 25% do nosso PIB

A rotina de Maria Lúcia Campos começa cedo. Muito cedo. Exatamente às 4h. E ,ao contrário da quase “tradição” da roça, ela não espera o galo cantar para se levantar. Ao longo do dia, ordenha 22 vacas produzindo 450 litros de leite, alimenta todos os animais, faz faxina nas áreas de trabalho e na casa onde mora com a família, no Sítio Lajinha. Só para às 18h.

Mas não está sozinha. Além do esposo, José Adimar Campos, às 6h as gêmeas Alane e Aline Campos, 19 anos, assumem a própria labuta. Cabe a elas tratar de todos os bezerros da propriedade além de tocarem o próprio negócio: uma criação de galinhas em Avicultura de Postura. Diariamente, aliás, mais de 55 dúzias de ovos saem dali para o mercado antes de se dedicarem, também, à Faculdade de Gestão em Agronegócios - cujas mensalidades são pagas integralmente pelas jovens.

Mais do que grandes representantes do agronegócio familiar, mãe e filhas são protagonistas de um panorama diferenciado: o de mulheres ocupando cada vez mais espaço nas empresas rurais.





Ana Lúcia e o marido, Nelsérgio: aposta no interior por qualidade de vida e sonhos empreendedores

De acordo com a Associação Brasileira de Marketing e Agronegócio (ABMRA), uma em cada três propriedades rurais é comandada, hoje, por ELAS. Algo também apontado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), destacando que 13% das atividades rurais já são realizadas por pessoas do sexo feminino.

Os números são tímidos? Sim. Mas sinalizam para participação que vem triplicando na última década.

SONHOS E ESTUFAS

Ana Lúcia Silva Alves é outra empreendedora que se enquadra nesse panorama. Ela e o marido, Nelsérgio Alves dos Santos, mantêm uma cultura com 4 mil pés de pimentões coloridos no Sítio Rancho dos Ipês, também em Barbacena. Ao carro-chefe, no entanto, se somam tomates-grape (são mil pés em 700 m² de estufa), brócolis, repolho, couve-flor, milho e feijão.

Tudo isso além de recria de gado e dos planos de, em breve, investir na pecuária leiteira. A

realidade de agora e todos os arranjos para o futuro começaram com um sonho antigo de Santos: comprar a propriedade onde trabalhou na década de 1980.

Há oito anos, depois de longo período em São Paulo, tudo se concretizou.

E Ana foi essencial nessa história. “Idealizamos, planejamos e realizamos tudo juntos. Essa união e o diálogo – algo muito importante em nossa família – fazem a diferença e garantem o resultado do nosso negócio”, conta Santos.





Pais de dois filhos, ele e Ana Lúcia voltaram para o interior mineiro justamente buscando qualidade de vida para os herdeiros, hoje com 11 e 23 anos. Encontraram boas oportunidades de negócios e um recomeço lucrativo aperfeiçoado, em 2018, pela participação no Gestão de Qualidade em Campo (GQC), promovido na região numa parceria entre o Sicoob Credivertentes e o Senar.

“É muito satisfatório perceber que as mulheres têm se envolvido nos negócios rurais com mais força e tenho muito orgulho de ser uma delas. Aqui, uma força complementa a outra e ajuda a construir nossa vida e dos meninos. Na realidade, acredito que muito além do tamanho da produção ou da estrutura em volta do negócio, o verdadeiro sentido de Agricultura Familiar é justamente esse”, defende a produtora que, apaixonada e talentosa em Gastronomia, também pensa em produzir queijos artesanais. Inclusive recheados.

Mas sem pressa. Para Santos, aliás, a paciência é um dos segredos no Rancho dos Ipês. “Uma das maiores verdades é a de que ‘tudo tem seu tempo’. Nós acreditamos muito nisso e aplicamos a tudo. Desde os nossos sonhos e planos às próprias plantações”, frisa.

De fato, só os pimentões, por exemplo, demandam de três a quatro meses para serem colhidos. Enquanto isso, são diariamente cuidados e até mesmo vigiados. “Há pássaros espertinhos que vêm aqui saboreá-los. E não teríamos problema algum em deixá-los se alimentarem. O problema é que bicam um, voam, bicam outro... (risos). Então precisamos ficar atentos pra evitar estragos em massa. Isso sem falar na vigília pela hora certa para colhê-los. Respeitar os processos é essencial e



muito bonito. São milagres acontecendo todos os dias”, comenta Ana.

SÍTIO LAJINHA

A atuação na propriedade a 30km de Barbacena vai se tornar mais intensa. Isso porque, em breve, o jovem Amarildo José Campos se junta à família na rotina diária entre curral, galinheiro, chiqueiro e, ainda, culturas de milho, fubá, soja e capim.

Algo que emociona o pai, José Adimar Campos. O sítio, ele conta, foi passando de geração a geração e, desde o início, quebrou paradigmas. “Tudo começou com o meu avô e se perpetuou com a minha mãe, que criou os quatro filhos aqui. Fui comprando pedaços de terra e fiquei. São 35 anos de história”, diz sentado próximo à janela da cozinha, de onde avista parte das criações e, ao fundo, um conjunto de serras.

Para o produtor rural, aliás,

“enxergar longe” é algo herdado no DNA da família. E as gêmeas Aline e Alane provam isso. Inseparável, a dupla de apenas 19 anos também cresceu no Sítio Lajinha e garante que de lá não sai. Se ainda meninas brincavam entre os animais, hoje levam tudo a sério e encontram oportunidades de negócios em quase todos os cantos.

Foi no início da adolescência, aliás, que desenvolveram a ideia de criar galinhas e vender ovos. Começaram com 60 aves compradas com economias próprias em 2015, chegaram às 130 em 2018 e já pensam em números maiores em curto prazo. Antes, no entanto, querem investir em uma nova estrutura para a criação.

JUVENTUDE

A postura de liderança e o empreendedorismo visionário de Alane e Aline também sinalizam para um fenômeno no agronegócio: o rejuvenescimento dos

processos decisórios. Isso porque, ainda de acordo com a Associação Brasileira de Marketing e Agronegócio (ABMRA), atualmente 21% das escolhas administrativas são feitas por produtores jovens que, cada vez mais, escolhem se dedicar à carreira na Zona Rural.

Com isso, interrompem o ciclo de migrações da “roça” para os centros urbanos, mantendo talentos no setor que já responde, sozinho, por quase 25% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Questionadas se compreendem a própria importância no mercado, a resposta é enfática. “A gente faz o que ama e aposta naquilo que acredita com total apoio dos nossos pais. Se representamos essa mudança no Agronegócio, é porque eles nos acolheram nesse universo também. Viram as possibilidades com bons olhos e abriram todas as portas”, diz Alane – ou Aline. Fácil confundir – o “difícil” é ousar como elas.

GESTÃO COM QUALIDADE NO CAMPO

Realizado há mais de 10 anos numa parceria entre o Sicoob Credivertentes e o Senar, o Gestão com Qualidade no Campo (GQC) tem refletido em suas turmas as tendências do Agronegócio. Em 2018, pela primeira vez, o grupo de alunos foi composto de forma igualitária: metade por homens e metade por mulheres.

Além disso, foi marcado pelo maior envolvimento de jovens. Além de Alane e Aline, talentos como Ingrid Silva e Fernanda Fagundes despontaram no curso. Ambas são essenciais às propriedades que gerenciam ao lado dos pais, Luiz Carlos da Silva, no Sítio Paineira; e

Antônio Eustáquio de Paula, na Fazenda Tijuco Preto. E assim querem continuar.

As duas propriedades, juntas, colocam mais de 1,5 mil litros de leite no mercado todos os dias. Número que vem de ajustes administrativos trabalhados no GQC e do amor à terra. Fernanda é bióloga por formação e já anunciou que segue firme na empresa rural da família. “No princípio, pensei que fosse ficar provisoriamente. Agora tenho certeza de que meu lugar aqui”, conta. O mesmo revelou Ingrid na diplomação do curso: “Amo o lugar que minha família construiu e em que cresci, amo tudo o que aprendi e quero me formar em Medicina Veterinária pra seguir lutando”.



Arte: mapademinas.com Foto: krusifreepik.com



O cartão que combina com o seu estilo de vida tem diversas vantagens que fazem a diferença no seu dia a dia: controle online dos gastos pelo aplicativo, anuidade e juros mais baixos, compras que viram prêmios, participação nos resultados e muito mais. Sem contar que é mais prático e seguro que dinheiro ou cheque. Tudo isso faz do Sicoobcard a melhor forma de pagar suas compras.

Sicoobcard.
A melhor forma de
pagar suas compras.



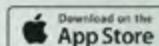
DIGITAL E COOPERATIVO.

FAÇA PARTE DE
UM MUNDO ASSIM.



**BAIXE O APLICATIVO SICOOB FAÇA PARTE,
BUSQUE PELO CÓDIGO #3173DIGITAL E VENHA
PARA UM MUNDO ONDE VOCÊ É ESSENCIAL.**

Faça Parte de um mundo onde você participa das decisões e dos resultados. Venha para uma instituição diferente, com taxas menores e onde você movimenta sua conta quando quiser e de onde estiver.




SICOOB
Faça parte.

Valente e solidária

Com apenas 11 anos, Valentina idealizou um projeto para arrecadação de cabelos e confecção de perucas. Ganhou adeptos, fez a diferença e mudou a realidade de pacientes com Câncer em Barbacena



O pedido de uma pré-adolescente para cortar o cabelo pode até soar corriqueiro a muitas mães. Mas não para a jornalista Kátia Silva, mãe de Valentina Santos, de 11 anos. Em meados de 2018, a pequena surgiu pensativa e disposta a encurtar as madeixas.

Queria utilizá-las para confeccionar perucas e doá-las a pacientes em tratamento contra o Câncer. Descobriu que a ação solitária não seria suficiente, mas não se abateu: levou a proposta às coleguinhas da escola, convenceu duas delas e, incansável, estendeu a ideia ao Grupo Escoteiro do Ar Guardiã da Mantiqueira, que abraçou a causa.

O resto é história – e uma corrente cativante de adesões do bem envolvendo instituições, empresas e profissionais liberais. O resultado? Cerca de 120 mechas de cabelo recebidas em pouco mais de um semestre – mais de 40 em estande montado numa praça de Barbacena. Com eles, sete perucas já foram confeccionadas e entregues no projeto *Fio de Esperança*.



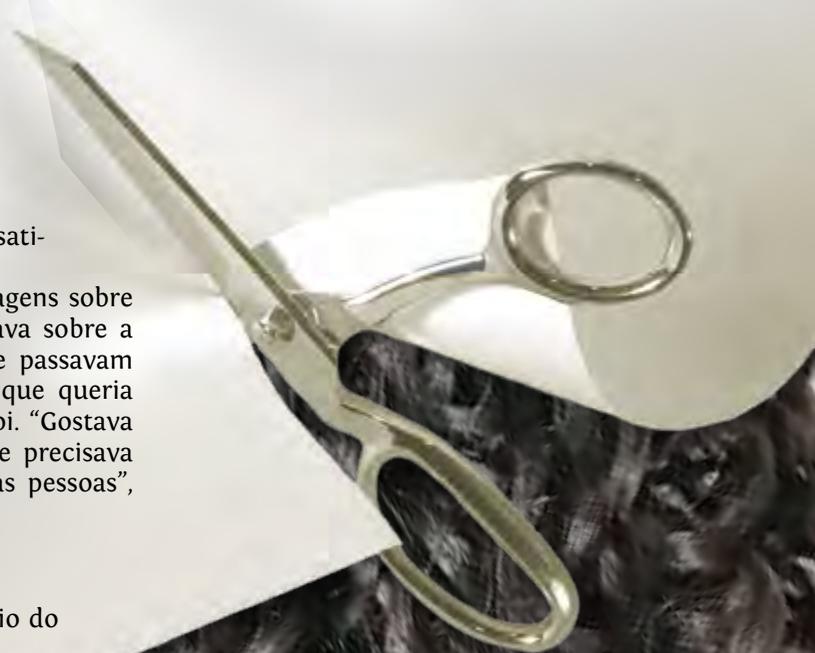
CORRENTE

Mas, afinal, de onde veio a vontade tão latente de fazer a diferença? Segundo Kátia, um contexto em especial vinha preocupando Valentina: a avó paterna havia sido diagnosticada com Câncer e, com o tratamento, estava perdendo o cabelo. Já a avó materna recebia, mensalmente, uma carta de agradecimento por realizar doações a uma entidade de proteção a pacientes em luta contra a doença. “Minha filha ajudava a avó na abertura dos envelopes. Acabava lendo o material e, com isso, começou a ficar muito pensativa”, conta a mãe.

“Lembro que, por coincidência, várias reportagens sobre o assunto foram ao ar na TV. E uma delas falava sobre a queda dos fios, a autoestima das mulheres que passavam pela quimioterapia, por exemplo. Então decidi que queria ajudar”, completa Valentina. Fácil, porém, não foi. “Gostava de cabelão, queria deixar crescer. Mas sabia que precisava ouvir meu coração, desapegar e fazer algo pelas pessoas”, completa a estudante.

MOBILIZAÇÃO

A proposta da pequena cresceu e, com o apoio do grupo de escoteiros que frequenta em Barbacena, ganhou estande para ação especial em plena praça. Além disso, cabe-



leireiras cederam tempo, tesouras e talento para realizarem os cortes dos doadores gratuitamente. Em um único dia, pelo menos 40 pessoas se solidarizaram.

Com o sucesso, a *Fio de Esperança* ultrapassou os limites do mapa barbacenense e, além de apoio, ganhou também holofotes. Não demorou, então, para que Valentina, sua coragem e sua proposta se tornassem pauta em portais como o *Razões Para Acreditar* e o *BHAZ*. Mais tarde, foi a vez das câmeras do *Encontro com Fátima Bernardes*, da Rede Globo, desembarcarem em Minas e levarem a história para todo o país.

CONQUISTAS

Cabelos cortados e arrecadados, sonho de mudar realidades latente. Faltava, então, outra parte essencial: a confecção das perucas. É aí que entra a especialista Zingara Raquel, a Raquel Weer. É ela quem produz as peças

gratuitamente. “Faço o que amo e agradeço todos os dias por ter um dom com que posso trabalhar. Mas ele se torna ainda mais valioso quando ajuda alguém. Além disso, é preciso estimular a nova geração a olhar com carinho para o outro, como a Valentina tem feito”, explica.

De acordo com Raquel, uma peruca convencional custa ao menos R\$650 no mercado, demandando cerca de 200g de cabelo para ser confeccionada em processo que, sem interrupções, dura cerca de três horas.

PARCERIAS

A *Fio de Esperança* já recebe doações de diferentes partes do país. Mas é só o começo. Valentina e a mãe, Kátia, sonham com perucas chegando às mãos de cada vez mais pacientes – em Barbacena, atualmente, há cerca de 65 cadastrados aguardando o mimo. Já Raquel espera, um dia,

poder ensinar a arte de confecção das peças a homens e mulheres em tratamento. Um misto de conhecimento passado adiante, ação social ampliada e, ainda, uma mensagem importante: “Sei o que você está passando. Estamos juntos”.

Para Valentina, aliás, é esse o pensamento essencial para dias melhores. “Se a gente consegue se colocar no lugar do outro, entender a dificuldade dele e tentar amenizar com o que temos disponível, tudo se transforma”, reflete a menina que sonha em se tornar médica – talvez até oncologista.

Nada disso tão utópico quanto possa parecer. A campanha que idealizou já conta, hoje, com uma rede de parceiros, somando ao grupo de escoteiros a Associação de Apoio a Pacientes com Câncer (AAPC); o Núcleo do Câncer em Barbacena; estabelecimentos comerciais; incentivadores culturais; e personagens como o já famoso Dr. Falador.



Perucas produzidas com doações já chegaram a pacientes oncológicos



HOSPITAL

As primeiras perucas confeccionadas na campanha *Fio de Esperança* foram entregues a assistidos pelo Hospital Ibiapaba, em Barbacena. O local também é embrião de outra iniciativa importante, a AAPC.

A associação teve início há 16 anos, quando duas mães (Rosângela Sueli e Geralda Magela) se conheceram no corredor da instituição. Uma acompanhando o filho e outra o neto, ambos diagnosticados com Câncer. A dor as uniu e formatou um grupo de apoio que atualmente conta com uma Casa de Apoio, um veículo próprio para transporte, rede de doação de alimentos e serviços de suporte psicológico a pacientes do setor de Oncologia.

Genésio Oliveira é voluntário na AAPC há oito anos e, com conhecimento de causa, diz que o surgimento de outras ações como a *Fio de Esperança* renova a fé tanto de quem luta socialmente quanto dos próprios beneficiados. “Sempre digo que quem tem a coragem de começar algo assim é um emissário de Deus. Foi assim com a Rosângela e a Geralda; está sendo assim com a Valentina e com todas as pessoas que se dispõem a ajudar. Isso traz alívio e uma sensação absoluta de que a fraternidade não vai se perder”, defende.

DOAÇÕES

Quem se interessar em ajudar na arrecadação de cabelo deve procurar um profissional para realizar o corte de mechas com pelo menos 20 cm de comprimento. Para direcioná-las à *Fio de Esperança*, basta entrar em contato pelo telefone (0**32) 9 8862-1874.



“MINHA VIDA MUDOU”

Dalva Campos jamais imaginou que a “surpresa” de 49 anos seria um diagnóstico. “Ouvi que tinha Câncer de Mama no dia do meu aniversário. Acho que ‘choque’ é uma palavra até fraca pra tudo o que senti na hora. Eu deveria estar celebrando a vida, mas só pensava que em breve morreria”, relembra.

Seis meses mais tarde a perspectiva é outra. Para Dalva, tudo o que aconteceu foi de fato um presente. “Acredito que Deus tenha me dito: ‘Olha, você está descobrindo agora, bem no início, pra poder buscar ajuda, se tratar e recomeçar’. Ganhei mais tempo ali”, diz ela, que passa por sessões de quimioterapia desde novembro.

Em uma delas, aliás, conheceu a *Fio de Esperança* e pediu uma peruca. A resposta veio rá-

pida: no final de dezembro, Dalva recebeu das mãos de Valentina uma peça cheia de cachos, vinda diretamente dos Estados Unidos. “Uma moça ouviu falar da campanha e, vindo ao Brasil para passar o Natal, trouxe o item prontinho”, lembra Kátia.

“Veio do jeitinho que eu queria. Recebi, coloquei na hora e dali em diante o sorriso ficou maior ainda”, conta Dalva, que se confessa transformada. “Quando você passa a mão no cabelo e sente um tufo enorme saindo da cabeça, a sensação é de que um pedaço de você se perdeu. Aos poucos a gente entende que cabelo cresce de novo, que tudo passa. Mas não dá pra negar que ver meu rosto com os cachinhos adornando me fez muito bem”, encerra.



O COLECCIONADOR DE ROSTOS E HISTÓRIAS

Em Piedade do Rio Grande, o famoso Sr. Rui se assume como um acumulador. Não sabe, porém, que guarda mais do que bugigangas. Nas mais de 550 mil imagens que registrou como fotógrafo e espalhou pelas paredes, ele carrega memórias

ARQUIVO PESSOAL

Em meados dos anos 1980, num passeio por Boston, nos Estados Unidos, Rui Ernane Teixeira se encantou pela voz de uma jovem negra, empunhando violão e coragem numa estação de metrô.

Era Tracy Chapman, que anos mais tarde subiria ao palco de um concerto em homenagem a Nelson Mandela e seria assistida por 600 milhões de pessoas ao redor do mundo; ganharia quatro prêmios Grammy; se tornaria uma das vozes mais marcantes e revolucionárias daquela época.

“Guardei o que vi só na memória. Vai tudo se perder comigo quando eu morrer. Se tivesse fotografado, não correria esse risco”, diz Teixeira entre a risada resiliente e a reflexão séria. A verdade é que, desde os 10 anos de idade, quase nada passa por ele sem ser immortalizado em lentes e fotos. Hoje, além de discos, páginas de revistas, óculos e tudo o mais que puder colecionar, ele arquiva mais de 550 mil imagens.

“Acumulador” assumido, o fotógrafo que roda o mundo – mas só encontra conforto em Piedade do Rio Grande – garante que fazer seus cliques é apenas um hobby. Mas aceita quando afirmam que a paixão também é uma missão. Afinal, entre crianças que se esbaldam rindo no estúdio, casais apaixonados em casamentos, jovens cheios de pose e autoridades políticas, há personagens e paisagens immortalizados pela sensibilidade do homem que quase tudo vê e das câmeras que o acompanham.



ONADOR S - IAS

BARBA, CHAPÉU E COLEÇÕES

A figura de Sr. Rui é inconfundível. De óculos arredondados, chapéu e barba branca espessa, transita de um lado por outro com câmera no pescoço e olhar atento. Por isso mesmo, tem consigo dezenas de fotos com personagens famosos em Piedade do Rio Grande; como Coutinho, “dono da maior risada do mundo”; Moraes, “que perambulava pelas ruas sempre sem camisa, mais liberto que toda gente”; e Zé do Óleo, “que vivia pedindo algo pra passar no corpo”.

Espalhados pelas paredes do complexo particular que montou em casa, esses rostos e essas histórias dividem espaço com galerias de ex-prefeitos, padres, familiares e amigos do fotógrafo. Mas é numa salinha ao lado que a mágica acontece. No anexo, em meio a discos de vinil, vários óculos, peças de louça, brinquedos, recortes e tudo o mais que Rui cisma em colecionar, está o inseparável computador em que edita fotos, organiza seu acervo e pensa na vida ou lê sobre política.

A PRIMEIRA CÂMERA

Se o simpático senhor de 80 anos coleciona câmeras? Claro que sim. Segundo ele, há mais de 30 representando uma linha do tempo tecnológica que esbarra, também, na própria trajetória como fotógrafo, iniciada na década de 1940, aos 10 anos. “Minha mãe havia viajado até Aparecida do Norte. Na volta, trouxe uma Máquina Caixote de presente. Até então eu não havia manifestado paixão alguma por fotografar. Acho que foi instinto materno. E dali em diante nunca mais parei”, lembra.

Mais tarde, aos 19 anos, ganhou do então patrão o segundo equipamento. “Era uma Flexarete seminova. Mas máquina boa mesmo eu só tive em 1962. Meu cunhado



foi a Manaus e trouxe de lá uma Olympus sensacional”, narra.

E completa tateando uma lente: “Ninguém vai ser capaz de capturar a realidade como um todo. A fotografia é um recorte. Porém, ele conta uma história, guarda a beleza ou as mazelas do mundo. *(suspiro)* Costumo dizer que é um registro morto que deixa algo vivo na memória da gente”.

ANDANÇAS

Só uma coisa Rui se nega a guardar: dinheiro. “Pra quê? De que ele vale senão pra virar experiência na vida?”, questiona. Não por outro motivo, vive com os pés – e as bagagens – no mundo.

Nada, porém, que o faça esquecer das raízes piedenses. De volta à cidade desde 1995, o hoje “fotógrafo por amor” serviu ao Exército antes de migrar para o Rio de Janeiro e lá se dedicar por 33 anos à carreira bancária – e à filmagem de eventos nas horas vagas. Daí ter mais de 200 fitas VHS em casa.

QUE NADA PASSE

Tudo o que coleciona e a pulsão por registrar tudo o que vê podem ter uma explicação: “Existe essa filosofia de que nada se repete. Mas e se o que aconteceu for mágico e único? A nossa mente é fiel o suficiente pra guardar tudo sozinha? Como acredito que não, uso a câmera pra me ajudar”, filosofa Rui, pai de três filhos.

Todos devidamente fotografados, claro, assim como ele próprio. Sim, não faltam autorretratos do piedense entre quadros e álbuns. “Todo dia acordo diferente. Preciso registrar”, brinca o homem de personalidade instigante.

Se por um lado tem medo de perder momentos, por outro é um destemido aventureiro solto na vida: “Sou um barco à deriva, sabe? Não tenho sonhos, planos ou arrependimentos. Tenho nada. Só esse segundo aqui. E vou aproveitá-lo”.



Agências Sicoob Credivertentes

Alfredo Vasconcelos
Av. Agostinho Bianchetti, 49 loja A
Centro - MG - CEP: 36.272-000
Tel.: (32) 3367-1580
E-Mail: alfredovasc@sicoobcredivertentes.com.br

Barbacena
Av. Bias Fortes, 572
Centro - MG - CEP: 36.200-068
Tel.: (32) 3333-2899
E-Mail: barbacena@sicoobcredivertentes.com.br

Belo Horizonte
Rua Espírito Santo, 1.186
Centro - MG - CEP: 30.160-033
Tel.: (31) 3222-8667
E-Mail: belohorizonte@sicoobcredivertentes.com.br

Conceição da Barra de Minas
Praça Cônego João Batista Trindade, 148
Centro - MG - CEP: 36.360-000
Tel.: (32) 3375-1170
E-Mail: concbminas@sicoobcredivertentes.com.br

Coronel Xavier Chaves
Rua Padre Reis, 25
Centro - MG - CEP: 36.330-000
Tel.: (32) 3357-1301
E-Mail: cxchaves@sicoobcredivertentes.com.br

Dores de Campos
Av. Governador Valadares, 187
Centro - MG - CEP: 36.213-000
Tel.: (32) 3353-1122
E-Mail: dorescampos@sicoobcredivertentes.com.br

Ibertioga
Avenida Bias Fortes, 198
Centro - MG - CEP: 36.225-000
Tel.: (32) 3347-1463
E-Mail: ibertioga@sicoobcredivertentes.com.br

Itutinga
Praça Presidente Costa e Silva, 173
Centro - MG - CEP: 36.390-000
Tel.: (35) 3825-1144
E-Mail: itutinga@sicoobcredivertentes.com.br

Madre de Deus de Minas
Rua Maestro José Gonçalves de Oliveira, 155
Centro - MG - CEP: 37.305-000
Tel.: (32) 3338-1142
E-Mail: madredminas@sicoobcredivertentes.com.br

Mercês de Água Limpa
Rua Joaquim Vivas da Mata, 174
Centro - MG - CEP: 36.352-000
Tel.: (32) 3376-8109
E-Mail: mercesalimpa@sicoobcredivertentes.com.br

Morro do Ferro
Praça Coronel José Machado, 250
Centro - MG - CEP: 35.541-000
Tel.: (37) 3332-6007
E-Mail: morroferro@sicoobcredivertentes.com.br

Nazareno
Rua Francisco Ribeiro de Carvalho, 178
Centro - MG - CEP: 36.370-000
Tel.: (35) 3842-1315
E-Mail: nazareno@sicoobcredivertentes.com.br

Piedade do Rio Grande
Avenida Sete de Setembro, 75
Centro - MG - CEP: 36.227-000
Tel.: (32) 3335-1411
E-Mail: piedadegrande@sicoobcredivertentes.com.br

Prados
Rua Magalhães Gomes, 88
Centro - MG - CEP: 36.320-000
Tel.: (32) 3353-6398
E-Mail: prados@sicoobcredivertentes.com.br

Resende Costa
Rua Gonçalves Pinto, 135
Centro - MG - CEP: 36.340-000
Tel.: (32) 3354-1040
E-Mail: resendecosta@sicoobcredivertentes.com.br

Ritópolis
Rua Santa Rita, 111
Centro - MG - CEP: 36.335-000
Tel.: (32) 3356-1370
E-Mail: ritapolis@sicoobcredivertentes.com.br

São João del-Rei
Rua Quintino Bocaiúva, 88
Centro - MG - CEP: 36.307-312
Tel.: (32) 3371-5313
E-Mail: saojdrei@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago
Praça Ministro Gabriel Passos, 114
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1080
E-Mail: saotiago@sicoobcredivertentes.com.br

São Tiago - SEDE
Rua Carlos Pereira, 100
Centro - MG - CEP: 36.350-000
Tel.: (32) 3376-1386
E-Mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Senhora dos Remédios
Rua do Rosário, 49
Centro - MG - CEP: 36.275-000
Tel.: (32) 3343-1312
E-Mail: sremedios@sicoobcredivertentes.com.br



SICOOB
Credivertentes